



aldeia

Daniel Piza

OESP

daniel.piza@

grupoestado.com.br

Cultura que (im)(ex)porta

É CADA VEZ MAIS COMUM LER E OUVIR SOBRE AS RELAÇÕES EXISTENTES ENTRE ECONOMIA E CULTURA, MAS ESTA VISÃO BASTANTE COMPLEXA É AINDA MUITO LIMITADA

Predominam duas abordagens. A primeira – que pode ser vista no livro *A Cultura Importa*, com textos de Samuel Huntington e Francis Fukuyama, entre outros – é mais generalista e tenta explicar os princípios determinantes para o desenvolvimento capitalista, à maneira de Max Weber. A segunda abordagem – visível em trabalhos como *Cultura e Economia*, de Paul Tolila – destaca o peso da indústria cultural e turística no PIB de uma nação, uma fatia crescente em grande número de países.

O próprio conceito de cultura, no entanto, sugere uma perspectiva mais ampla. Cultura é justamente a relação entre a produção de artes e idéias e os hábitos de uma sociedade em determinado lugar e tempo. É uma tensão entre o imaginário que se expressa em obras criativas e os símbolos e consensos do cotidiano.

Do mesmo modo, a cultura importa não só pelo espírito de época ou pela geração de produtos, mas também pela combinação entre esses dois campos. Os valores de um povo são expressos em suas manifestações artísticas, inclusive criticados em muitos casos; portanto, a cultura importa porque deixa o cidadão mais alerta e, ao mesmo tempo, ajuda a economia a funcionar. A cultura faz parte do organismo socioeconômico.

A cultura de uma sociedade será tanto mais rica quanto mais aproximar essas duas esferas: a da “mentalité” e a da “indústria”. Vale aqui uma pergunta: os países desenvolvidos têm maior índice de leitura porque são mais desenvolvidos ou eles são mais desenvolvidos porque têm maior índice de leitura? Resposta: pelos dois motivos, que, afinal, são interdependentes. Se 35% do turismo mundial está nas mãos dos oito países mais ricos (segundo Tolila), é em grande parte porque eles não vêem a cultura como supérflua. E ela só pode deixar de ser supérflua, em termos financeiros, se for mais importante na rotina das pessoas. A cultura importa até como bem de exportação.

No mau sentido, a cultura no Brasil ajuda a criar um caldo de critérios muito frouxos, relacionados com o baixo nível de exigência dos cidadãos. Conceitos como gestão e profissionalismo são associados a uma atividade burocrática, supostamente incompatível com a alegria e a informalidade do espírito nacional.

No bom sentido, é a cultura que poderá atrair importância para si mesma, uma vez que se compreenda a questão e passe-se a valorizar potenciais do país em áreas como as artes, a propaganda, os esportes e o turismo. É preciso mudar parte da mentalidade para que a mesma tenha valor. Mentis à obra. ✕